

## ***Coniunctio Opositorum. O Paradoxo Criativo***

Rodney Taboada <sup>1</sup>

Antes de mais nada, o meu agradecimento pelo convite, sempre honroso para esta casa. Já que eu vou falar de paradoxo, acontece o paradoxo. Nesta casa eu fui primeiro professor e depois eu fui aluno. Eu dei aula no curso a convite da Denise sobre interpretação de contos de fadas numa época, e depois eu fiz o vestibular e fui estudar Ciências Sociais aqui na PUC, então, eu fui primeiro professor e depois aluno da graduação da PUC. A minha formação é médico, sou médico formado na Escola Paulista de Medicina, atualmente UNIFESP.

A minha preocupação com esta fala, é uma preocupação que eu tenho já há algum tempo, e é a preocupação com a metrópole, a grande cidade, a cidade como São Paulo. Isso deriva do fato de que em 2000 o censo releva que 81,4% da população brasileira vivia em grandes cidades, era a população urbana. Em 2010 são 84%, e atualmente já estamos em 86,5% vivendo nas cidades grandes. Ou seja, por incrível que pareça, um país com a dimensão continental do Brasil, a população vive em cidades; não vive mais no campo, não vive mais na natureza. Acho que é um reflexo de tudo isso que nós vimos neste simpósio. E o significado disso é uma profunda modificação da sociabilidade de quem mora numa grande cidade em relação a quem mora no campo ou nas pequenas cidades.

O paradoxo - usando uma fonte de referência simbólica que foi muito cara ao Jung -, é a fonte de referência da alquimia. E o objetivo de usar a alquimia, algo antes do medieval, pré-medieval, como uma fonte de conhecimento, é uma grande fantasia sobre a matéria e sobre o processo de transformação. Os alquimistas tinham a expectativa de que seria possível transformar o chumbo em ouro. Ou que seria possível produzir a transformação da *prima matéria* - matéria prima -, numa matéria superior. Eles estavam fortemente ligados à descoberta da fonte, da presença dos elementos químicos, dos elementos atômicos, dos átomos e das suas combinações, e as alegorias que eles faziam a respeito da natureza correspondiam às suas projeções psíquicas sobre a matéria. Isso foi a grande genialidade de Jung em relação à literatura alquímica, de perceber que a literatura alquímica era também uma literatura psicológica. Era a observação da alma naquilo que os alquimistas compreendiam sobre a natureza da matéria e sobre essa ideia da transformação.

Para os alquimistas então, não bastava aproximar os opostos. A ideia de opostos é uma ideia universalmente difundida na antiguidade. A antiguidade via o mundo a partir da sua categorização dos opostos. É a própria formação da consciência, da percepção do mundo a partir dos opostos. O dia e a noite; acima e abaixo; o sólido e o líquido. A quantidade enorme de opostos na nossa percepção nos permite formar consciência. Esse

---

\*Palestra proferida no XIV Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos "Identities emergentes e vislumbres da contemporaneidade", na PUC-SP, em 7 de outubro de 2016.

é o processo de formação de consciência: discriminação de opostos. E depois, há o enorme trabalho de estabelecer as suas correlações, as correlações entre os opostos. Uma criança aprende as coisas correlacionando os opostos, e integrando e formando consciência.

Portanto, essa união dos opostos, ou essa busca da união dos opostos, não é exatamente uma busca da eliminação dos opostos, mas é a busca de que modo o diálogo dos opostos se dá dentro da matéria e dentro da psique. Para os alquimistas que estavam ali tentando transformar chumbo em ouro de alguma forma, era preciso entender como é que isso se dava no âmago da matéria. Mas era também uma forma deles expressarem o âmago da transformação da alma.

Quando Jung descobre esses textos e se aproxima deles, ele vê que os alquimistas tinham uma atração grande pelo paradoxo. Porque o paradoxo - palavra formada pelo prefixo *para* que no caso significa contra, mais *doxa* que significa sentido ou significa opinião -, é algo em que contaria a opinião que nós temos sobre alguma coisa. Nos causa espanto porque nós dizemos: “puxa, isso é paradoxal. Eu não esperava que fosse assim”. É surpreendente, é uma surpresa. De alguma forma, o paradoxo é uma espécie de precursor do *insight*. O paradoxo é um momento em que nós encontramos algo na psique e ela nos faz pensar, nos faz estranhar.

Os alquimistas trabalhavam longamente com a ideia de paradoxo. E o paradoxo vai nos levar a uma necessidade imperiosa de tentar compreender como é que dois opostos dialogam sem se aniquilar, mas transformando-se em sentido. Para os alquimistas que trabalhavam com química - embora não fossem químicos porque a química nem existia ainda como ciência-, era uma busca de conhecimento. E como transformar o chumbo em ouro? Como transformar aquilo que era fácil de ser encontrado, aquilo que era comum, que era vulgar, vamos dizer assim, na substância ouro que era rara e que tinha características mágicas, vamos dizer assim. Uma das características do ouro é que ele é inoxidável. Não tem como corromper o ouro. O ouro é uma substância que, na sua forma purificada, não sofre a corrosão nem pelo oxigênio, no ar, etc. Ele só sofre uma intervenção que é formar uma amálgama com o mercúrio. Por isso a prática dos alquimistas era uma prática dedicada a mercúrio. Mercúrio material e mercúrio o deus. Mercúrio a divindade, o espírito de mercúrio, o espírito mercurial. Porque o mercúrio engole o ouro.

No meu tempo de criança, fazer uma obturação de dente implicava em aplicar ouro, uma amálgama de ouro. O dentista pegava um pouco de mercúrio e um pouco de ouro e fazia uma maçaroca, e punha aquilo no dente, e ficava uma amálgama de ouro e mercúrio, porque o ouro era duradouro e o mercúrio dissolvia o ouro suficientemente para ele endurecer e ficar lá. Depois ele solidificava e hoje temos materiais sintéticos que endurecem com a luz ultravioleta, e outros. Mas o dentista da minha época era meio alquimista, ele trabalhava com alquimia.

À noção de paradoxo, que é o diálogo criativo dos opostos, se acresce a noção de processos; o que Jung descobriu é que nos processos que os alquimistas descreviam

para a transformação da matéria prima básica, da matéria propriamente dita em alma, nessa alma do ouro, havia diversos processos.

Entre os mais importantes havia o processo do *solve et coagula*, ou seja, dissolve e solidifica. Esse era um processo extremamente importante. Tinha que dissolver e depois coagular, tornar sólido novamente. Esse processo tinha que ser repetido de forma muito intensa, constante, contumaz, para obter uma espécie de purificação da substância e a sua aproximação do ouro. E ele fez uma analogia com o processo da análise e o processo de busca da individualização. O processo da análise é esse processo de *solve et coagula*.

O processo do desenvolvimento também é um processo de *solve et coagula*. E nós vimos na exposição de adições de Cristiano<sup>2</sup>, a perspectiva, o medo e o pavor do *solve*. Todo mundo diz “ixi, e agora? O que vai ser disso aí? E agora, o que vamos fazer com essa solução, esse *solutio*; a tecnologia da informação que dissolve o homem?” E aí, como é que vamos coagular de novo? Acho que é essa é a grande pergunta da Denise<sup>3</sup>: “e como coagula de volta esse homem?”, dissoluto no seu vício, dissoluto por um solvente tão poderoso quanto esse porque fascina de uma maneira e vicia muito rapidamente, assim como essas drogas que estão aí hoje em dia à disposição dos jovens. Elas também são altamente viciantes, elas também são ‘*solutios*’ muito rápidos e muito intensos, e assusta, claro que assusta.

O processo do *coagulatio* que é o processo de voltar à forma sólida, à forma palpável, à forma consistente, exige outro tipo de trabalho. São movimentos em direção oposta. O movimento em direção ao *solutio* é o movimento em direção ao prazer. Ele é espontâneo, você não precisa fazer muita coisa; você se diverte direto, tem dopamina envolvida.

O processo da coagulação exige trabalho, ele exige concentração, ele exige esforço. Então, nós estamos diante de uma grande polaridade da alma humana. Sempre foi assim, na verdade, sempre foi assim. O ópio, o álcool, todas as coisas viciantes têm essa característica de dissolução, eles levam para baixo, é fácil, você dissolve rapidamente. Dissolve as preocupações, dissolve as tensões, dissolve o medo, dissolve a grande consciência do ser humano de ser um ser para a morte; de se perceber como ser mortal, finito, porque você dissolve isso e se abandona nessa experiência de prazer.

Coagular é algo mais difícil, é algo que exige de você uma aplicação de um esforço dirigido a isso. Em todas as culturas, de alguma forma, são os valores, os princípios, a ética, a busca de sentido, a dimensão de fazer consciência, a formação de uma identidade coletiva, os valores religiosos.

Num mundo digital ainda nós não sabemos, mas provavelmente há intrinsecamente alguma forma coagulante também aí. Provavelmente, nós vamos ter que lidar com isso

---

<sup>2</sup> Cristiano Nabuco

<sup>3</sup> Denise Gimenez Ramos

durante um bom tempo com medo, com o nosso medo, e acho que aí é o medo salutar de perceber que é uma forma muito poderosa de dissolução.

Voltando à temática central que é a questão da metrópole, o processo de dissolução é entendido como a questão da massificação. A massificação das individualidades é a primeira parte dessa força avassaladora. Numa cidade pequena, quem morou em cidade pequena sabe que a coisa mais difícil que pode ocorrer, ou mais difícil para o indivíduo, é ele passar despercebido. Ele não consegue passar despercebido. Se ele for visto entrando no supermercado, alguém vai dizer: “ah, fulano estava entrando no supermercado”. Se ele for visto saindo da farmácia vão dizer: “fulano esteve na farmácia”. E assim vai, o que dirá do motel então. O problema é que não há possibilidade de dissolução. Não tem. O grande atrativo da cidade grande, para quem vem do interior para morar numa cidade grande, é que ele se dissolve com uma facilidade incrível. Primeiro porque ele não é daqui, ele não é do lugar. E segundo porque na cidade grande se você dobrar duas esquinas ninguém mais te conhece. Duas esquinas que você dobre você pode aprontar o que você quiser, que ninguém vai ligar você ao seu endereço ou saber quem você é. Então se dá a possibilidade dessa dissolução criativa que é fazer experiências de anonimato. O anonimato é uma benção. Você poder sair dessa solidificação de ser o tempo todo apontado como quem você é, permite ao próprio indivíduo uma experiência de sair de si mesmo e, portanto, alargar os seus horizontes.

Então, uma das primeiras atrações da cidade grande, além do consumo, além do acesso a uma quantidade enorme de bens culturais, ao cinema (a televisão tem em todo o lugar hoje), enfim, essas coisas que a cidade grande produz, é principalmente essa capacidade de dissolução.

Ao mesmo tempo, como isso é muito assustador, o que acontece numa cidade grande? As pessoas se agrupam nos seus guetos. As comunidades, os bairros de comunidade. A Liberdade é um bairro de japoneses, o Bom Retiro era dos judeus, agora é dos coreanos e bolivianos, e o Brás a mesma coisa. Porque é necessário dissolver, mas é necessário coagular. Esse processo é uma pulsante força da necessidade da alma de dissolução e coagulação, e esse processo está o tempo todo aí. Ele se dá inconscientemente. A gente não precisa fazer grande força, e ele é parte do processo de individuação. Ele é a força, é a bomba do processo de individuação.

É isso que faz com que as pessoas vão desenvolvendo a sua adaptação à cidade grande, e a cidade grande vicia. Pergunta para alguém que morou depois de morar na cidade pequena, e ficou dez anos morando em São Paulo se ele quer voltar à sua cidade natal. Não volta. E se volta, volta para passar férias e volta de novo. Por quê? Porque vicia. Vicia... esse processo de dissolução e coagulação é altamente viciante. Provavelmente, os processos digitais também viciam por causa disso. Ele é qualquer um, ele é nenhum, e é ele mesmo ao mesmo tempo. Ele vai e volta. Ele vira lá o avatar e depois ele pode ir até a geladeira e comer um pedaço de queijo branco minas. Pode, pode... ele tá lá e comprou o queijo minas.

Então, há essa possibilidade de ir e voltar, de usar o imaginal para fazer isso; eu penso que esse processo eletrônico é uma potencialização da imaginação. Potente catalisador do imaginal. E também um potente instrumento de informação, sem dúvida.

Hoje vi no Facebook algumas notícias a respeito da extinção das abelhas. As abelhas estão morrendo no mundo todo, e aqui no Brasil também. E isso é uma verdadeira catástrofe. Se as abelhas se extinguiem temos um problema sério de produção de alimentos. Abelhas e demais insetos. Muito preocupante; você se informa nesses veículos. Claro, você fazer pouco, mas ter essa consciência ajuda você a se movimentar ou a apoiar movimentos que batalham pela sustentabilidade, que batalham pela melhora das condições de intervenção do homem sobre o mundo. O grande problema na verdade é o homem, não é? Não são as abelhas que são muito frágeis. É o homem que interfere sobre a natureza de forma desmedida. É a *hybris* desse ego *toti* potente, e esses equipamentos de comunicação e de interação vêm potencializar o ego, mas também podem trazer informação, podem trazer formas de sensibilização para que as pessoas digam “não, não, não, peraí, vamos fazer alguma coisa”.

Tenho contato com umas pessoas que são jovens que fundaram uma ONG, e essa ONG tem uma luta de jovens pela sustentabilidade e tem uma característica assim: você pode se filiar à ONG em qualquer idade, mas você tem que se desligar da ONG aos 29 anos. E o objetivo disso é que haja a criação e a renovação de uma juventude que se renova na ONG. Essa ONG tem conseguido uma ação muito grande. Já estive na ONU, já falou nessa COP 21, enfim, nesses lugares onde se decide o destino da emissão de carbono, das emissões de gases do efeito estufa, e mais. O que já é uma coisa interessante porque essas pessoas poderiam estar viciadas na internet, mas elas não estão. Elas estão batalhando, elas estão indo atrás. Então, ainda bem que a humanidade é grande e diversa. Haverá os que se viciam na internet e haverá os que batalham pela preservação das abelhas, pela preservação do mundo como tal. Um rapaz me disse assim: “olha, eu tenho a solução para o problema do mundo”. E qual é? “É a seguinte: é só reduzir a população mundial a 1/3 do que ela é hoje”. Bom, e como é que se faria isso? “É simples. Não precisa matar ninguém. É só convencer as pessoas durante algumas gerações, duas ou três, a não terem filhos ou terem poucos filhos, terem dois filhos no máximo ou um filho. Se você fizer isso durante três ou quatro gerações, a população do mundo reduz a 1/3 do que ela é hoje”. É simples. É uma ideia, mas você precisa convencer as pessoas. Você tem que convencer as pessoas de que isso seria bom. Porque elas teriam que abrir mão daquilo que elas consideram um direito, de ter quantos filhos elas quiserem.

Então, as coisas esbarram exatamente nesse momento em que a individualidade, ou individualismo, se desconecta da individuação, porque se nós achamos que a individuação não se dá fora do mundo, os problemas do mundo têm a ver com os problemas da individuação. Seria uma responsabilidade de cada indivíduo, conectar-se e ter uma posição ética em relação a esse mundo. Parece simples dizer que as pessoas deveriam se candidatar a isso: “eu topo, eu topo...”. Não é bem assim que as coisas funcionam. Outro dia eu vi na televisão, o repórter perguntou para um grupo de jovens:

“Quem aqui aceitaria entrar em um veículo onde o condutor estivesse completamente alcoolizado?” Ninguém levantou a mão. Aí perguntou: “Quem aqui já fez isso?” Um monte. Uma coisa é o que a gente idealiza e outra coisa é o que estamos dispostos a fazer de verdade. O processo de individuação é exatamente isso também. É um compromisso ético consigo mesmo, um compromisso ético com a vida e com o mundo.

Quando Hillman escreve naquele livro *Suicídio e Alma* - com o qual algumas pessoas têm uma relação de ambiguidade -, que a função do analista é convidar o paciente ao suicídio, as pessoas dizem: “Não, mas como?!” Mas é evidente; se você não quiser morrer, não há processo analítico. Você tem que querer morrer, morrer na sua forma antiga para renascer de sua forma nova, mas, quem fará isso? O analista fará? Não, você tem que querer morrer. E se você tem que querer morrer, é um convite ao suicídio. Quantas pessoas aceitariam um convite ao suicídio? Muito poucas. O que elas procuram na análise é se tornarem super-homens, supermulheres. A gente tem certa visão idealizada da individuação, como se a individuação nos desse poderes, que dariam capacidade de enxergar através de paredes ou coisa tal. Não é nada disso. A conciliação de você consigo mesmo implica em que você se aceite como você é, ou seja, talvez se aceitar como bosta que você é! Por que não? Essa visão grandiosa que de alguma forma está contida no pensamento de transformar chumbo em ouro, pois você está falando de alguma coisa que sai do nível mais inferior para um nível superior, o ouro. O problema é que os alquimistas diziam assim: “O nosso ouro não é o ouro vulgar, não é o ouro comum. O nosso ouro é o ouro da sabedoria”. O *Lapis Philosophorum*, ou a pedra filosofal, era aquela pedra que tinha o condão, que tinha a força de tudo que ela tocasse virasse ouro, e essa pedra é a sabedoria. Se você olhar qualquer coisa com sabedoria, essa coisa se transforma em ouro. Chegar a ter essa sabedoria, possuir a sabedoria, é possuir a pedra filosofal. Portanto, o processo de individuação é um processo de expansão da consciência e é preciso fazer uma diferença entre conhecimento e consciência; o que as tecnologias modernas oferecem é conhecimento, muito conhecimento, mas não necessariamente consciência. Consciência se obtém de outro modo, que é esse modo da introspecção, da versão interiorizada de tomar esse mundo e trazê-lo para sua própria reflexão. O trabalho do analista é esse trabalho de convidar o indivíduo a fazer essa introspecção e ajudá-lo nesta possibilidade de aceitar-se como ele é.

A cidade grande traz esses movimentos, as experiências variadas, os contrastes, os conflitos e as dificuldades, se elas são observadas com uma perspectiva de individuação, com uma perspectiva de criar consciência, ela traz o desenvolvimento do indivíduo. Na cidade grande, na metrópole, outra característica que favorece o desenvolvimento do indivíduo é o afastamento do núcleo original, o afastamento do núcleo parental, como uma forma de fazer com que os jovens possam sair do âmbito dos pais mais cedo, coisa que não tem acontecido numa regra geral no tempo presente. Os jovens têm ficado mais tempo na casa dos pais. Quando eles têm experiências externas, experiências do mundo mais diferenciadas, não são experiências de transformação direta, mas se transformam

aos poucos nesta saída longe da casa. Ouvem outras pessoas, ouvem outras coisas, conhecem outros mestres, outras pessoas que podem trazer coisas novas.

Um pensador, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, que viveu muitos anos em São Paulo e foi um dos fundadores da antropologia da USP, um dos maiores antropólogos modernos, fala que o ponto fundador da cultura é o estabelecimento de uma regra ou de uma estrutura de parentesco. Quando um grupo se diferencia - estou falando de um grupo de primatas, daquela fila lá do homo sapiens -, quando é que ele vira homem no seu sentido cultural? Quando aquele grupo estabelece uma regra de parentesco. Quer dizer o que? Quando as pessoas sabem com quem elas podem casar e com que elas não podem casar. Ou seja, elas efetivam o tabu do incesto; ou seja, há pessoas em um grupo com que elas podem casar e outras pessoas com que elas não podem casar. Existe uma quantidade enorme de formatos antropológicos de estabelecimento de regras de parentescos. As culturas ao longo dos milênios foram desenvolvendo regras, culturas patrilineares, culturas matrilineares, ou seja, culturas nas quais você tem interditado os seus parentes do lado da mãe, mas não tem interditado seus parentes do lado do pai, por exemplo. Porque para aquela cultura é suficiente que você saiba quem são seus parentes maternos e não precisa que você saiba quem são os parentes paternos. Um índio, de nosso âmbito, precisa decorar pelo menos uns 200 nomes dos seus antepassados. É obrigatório que ele saiba que ele é filho de fulano que foi filho de ciclano que foi filho de beltrano, parece aquela parte da bíblia, logo no começo da bíblia que menciona “Absolão que era filho de Salomão que era filho de quem não sei quem” aquela coisa interminável. Ai você fala “Para que isso?” É isso, é essa coisa de que eu sei quem eu sou se eu sei qual é a regra, de quem eu descendo e, portanto, eu sei que não vai ocorrer ou vai ser muito diminuído o risco de eu cometer um incesto, pois estarei me afastando dos meus parentes. A cidade grande fornece isso de alguma forma. Você tem à disposição uma gama enorme de pessoas para você conhecer, para você interagir. A possibilidade de incesto é pequena, na cidade pequena é todo mundo parente. Mas você pode dizer, “E na tribo não é todo mundo parente?”. De um ponto de vista genético biológico, também é. São 200 índios que moram no mesmo grupo há 200 anos; então é tudo parente de um certo modo. Mas na hora de casar o cara que é do clã da águia não pode casar com alguém que é do clã da tartaruga. E isso são tradições que vêm de séculos.

Muitas pessoas pensam que essa interdição tem sentido, pois evita a consanguinidade e aí não perpetua fatores ligados à genética. Não é isso. É a necessidade de separar os opostos e dizer quem sou eu, quem é o outro, qual é o outro que me é permitido e quem é o outro que me é interditado. Isso é o tabu do incesto, não é transar com a mãe, essa visão ingênua da psicologia; o tabu do incesto diz que você é o fulano, portanto seu caminho é nessa direção. A exogamia é muito importante. Não é à toa que as tribos sempre fazem cursões para roubar mulheres. Fazem cursões na outra tribo e roubam mulheres e depois os outros vêm de lá e roubam as nossas e fica uma espécie de troca fértil. Por isso é importante esse outro. Uma das coisas que os nossos índios menos aceitavam dos jesuítas era a questão do canibalismo e da poligamia. Eles aceitavam

cristo, eles aceitavam a hóstia, eles aceitavam o batismo, mas eles queriam manter o canibalismo. Por que o canibalismo? Porque é a noção do outro. E o outro é tão outro que eu como ele. É muito “outro”. Embora seja uma tribo com a qual eu convivo há séculos. Mas é o outro. É importante que exista o outro, é necessário o outro, o outro é quem diz quem eu sou. Essa perspectiva da individuação é extremamente importante e na cidade grande ela está favorecida. Todos são outros, todos são muito outros. Raramente eu encontro uma pessoa que eu conheço, ou que é parente. Se eu estiver na rua então é praticamente impossível acontecer. Há o problema do desgarramento que ocorre também na cidade grande, que é a dissolução da identidade. Por isso as pessoas se agrupam em famílias, famílias no seguinte sentido; os torcedores do Corinthians, os torcedores do Palmeiras, os amantes da música clássica, os amantes do funk. São agregações identitárias necessárias em alguns momentos para as pessoas. E isso vira até torcida organizada, e se batem, se matam, tanto quanto os índios faziam com seus outros, pois são outros.

A nossa identidade política - para entrar um pouco neste território -, nós estamos ainda muito perto da colonização. E a gente tem essa visão que o governo é exercido por eles, quem exerce o governo no Brasil são sempre “eles”. Nunca é “nós”, nunca, é sempre eles. Porque é isso, na colônia era isso mesmo, quem exercia o governo eram eles, os portugueses, que roubavam nosso ouro, que levavam embora as nossas coisas. Tanto que nosso único herói é o herói que não queria pagar imposto! Ele se notabilizou pela revolta de pagar imposto; é o único herói que nós temos, não temos outro. Temos esse e depois temos o Ayrton Senna! Depois de Tiradentes, o outro herói que veio foi o Ayrton Senna. O que o Tiradentes queria? Não pagar imposto, não pagar imposto para eles, “eles” a metrópole, os portugueses, a corte, o rei. É uma primeira tentativa de dizer “Nós não vamos pagar vocês”. Uma das coisas ligadas ao orgulho paulista é que São Paulo se desenvolveu de costas para a metrópole, enquanto que o Rio de Janeiro e o nordeste estavam de frente para a metrópole. São Paulo, ao se estabelecer no alto do planalto, dá as costas para a metrópole, fala uma língua própria até 1700 e alguma coisa só se falava Nheengatu, que era chamada língua geral, uma espécie de junção de várias línguas, não se falava português nem se ensinava português em São Paulo. Só começou após o Marques de Pombal exigir que se ensinasse e falasse português em São Paulo.

Tendo dado as costas à metrópole, os bandeirantes entraram pelo continente adentro desrespeitando o Tratado de Tordesilhas, porque “Nós não assinamos nada, quem assinou foram eles”. Era formado por um grupo de portugueses que casaram com as índias e tinham filhos mamelucos, misto de índias com português, e esta é a matriz paulista. Por isso quando picham o monumento das bandeiras, quem picha não pode ser paulista. Picham aqueles que olham para a metrópole; se forem paulistas não picham. Está bem, as pessoas têm uma bronca de paulistas; paulista fundou Minas Gerais, paulista fundou Rio Grande do Sul, paulista fundou Goiás, paulista fundou o interior de Mato Grosso e fundou Rio Branco, Porto Velho. Goiás, tem lá a cruz de Anhangüera, está lá, levada por ele. Então, essa coisa paulista, ela é vista pelos outros como algo do tipo “por que esses caras?”. Quero dizer, de alguma forma o paulista é tido como

arrogante e orgulhoso. Em todos os ônibus da cidade de São Paulo tem um escudo da prefeitura, as pessoas não reparam: tem um braço armado, um braço com uma armadura e embaixo está escrito *Non Dvcor Dvco* que significa “Não sou conduzido, conduzo”. Esse o dístico da cidade de São Paulo. Por que estou falando disso agora? Claro, os reflexos da política, da eleição estão por aí.

A nossa formação de identidade nacional terá que passar por alguma coisa que é a gente deixar de achar que quem governa são eles, continuar achando que: “Olha o que eles fizeram, olha o que eles agora inventaram, agora eles inventaram isso”. Nunca haverá uma identidade brasileira enquanto nós acharmos de que quem governa são “eles”. Nós temos que assumir o governo. Qualquer governo, do município do Estado, da nação, nós, os brasileiros. A colônia deve assumir, não a metrópole. E essa consciência de nós só se forma exatamente nesse embate das diversas oposições, nesses pares de opostos, nesta discussão de direita e esquerda que na verdade é uma bobagem; hoje em dia não faz nenhum grande sentido. Só é ruim quando nós não conseguimos ver a nós mesmos neles, nos outros, quando achamos que nosso oposto tem que ser dizimado, tem que ser acabado; é preciso encontrar uma forma da conjunção dos opostos. E a política é uma única forma civilizada de buscar uma conjunção dos opostos, uma síntese paradoxal, um paradoxo, de como é que entre nós e eles, nós formamos uma terceira coisa, que não é nem nós nem eles e sim o futuro, o futuro dos nossos filhos. Essa que é a grande perspectiva, saindo das referências mais cotidianas, diárias, quando a gente envereda por esta questão do método alquímico: a grande sacada do Jung foi descobrir que o método alquímico era o método analítico. Jung em si nunca escreveu sobre método. Bom... Então como funciona a análise junguiana? Qual o método? Se você perguntar para um freudiano o método é muito claro. Mas para um junguiano, qual é o método? Para um junguiano o método é o alquímico.

Então, ao sugerir que esse grande arquétipo da alquimia deve ficar no plano de fundo do trabalho analítico que visa à transformação do chumbo em ouro, chumbo entendido como talvez a depressão, a consciência turva, a não clareza, a obscuridade, a sombra, e ouro como consciência clara, perspectiva ética, o mundo aberto, e Jung via isso romanticamente mesmo, como se o processo de individuação se faria *per se*, pois ele achava que a centelha divina estava lá e a centelha divina guiaria... Eu não estou tão certo assim disso. Tenho dúvidas sobre o conceito de Self. Eu acho que isso é uma idealização. Seria bom, mas não é. Acredito muito mais no Darwinismo, acredito no homem e sua matriz darwiniana de desenvolvimento, acredito mais na seleção natural, acredito, portanto que, neste sentido, a morte faz parte da vida e alguns têm que morrer. Todos iremos morrer, enfim, todos vamos morrer. Então não vejo isso tão romanticamente. Mas claro, quando se trata do sofrimento, do que a gente faz todo dia, pois nós trabalhamos com o sofrimento, e não oferecemos em troca do sofrimento a felicidade. Oferecemos outro tipo de sofrimento que é esse da individuação, o sofrimento da transformação do chumbo em ouro.